

Acadêmicos estão cautelosos

ROSA LIMA

A promessa do candidato da frente das oposições à presidência da República, Luiz Inácio Lula da Silva (PT), de gerar 15 milhões de novos empregos com políticas públicas que levem a um crescimento econômico do país de 6% ao ano, foi recebida com cautela pelo meio acadêmico.

Márcio Pochmann, professor de economia da Universidade de Campinas (Unicamp), vê como algo muito positivo, que a questão do emprego tenha sido posta no centro das atenções dos candidatos a governo, como aconteceu recentemente nos Estados Unidos, Inglaterra, França, Itália, Alemanha e Espanha. Ele ressalta, porém, que a questão do emprego não pode ser tratada isoladamente como vem sendo feito no Brasil. "Emprego é resultado de ações de governo e não uma variável independente como vem sendo tratado. Isso empobrece o debate", afirma.

Ele considera que o desemprego não se resolve sem crescimento econômico. E esse crescimento deve ser baseado em investimentos em infra-estrutura, como na construção de hospitais, escolas e habitação. O professor acha, no entanto, que para que esse crescimento não se traduza numa ameaça à estabilidade e na volta da inflação, há que se definir um padrão de financiamento, que depende necessariamente de uma reforma tributária. "Os países que se debruçaram seriamente sobre o combate ao desemprego levaram a cabo três reformas fundamentais: a reforma agrária, que dá condições de trabalho ao enorme contingente que vive no campo; a reforma tributária, para reduzir as desigualdades de renda, que contribuem para o aumento do desemprego; e a reforma social, com o estado assegurando as necessidades básicas da população". Para o professor, sem as reformas, qualquer programa de geração de emprego não passa de paliativo.

Maria Cecília Prates Ramos, analista de mercado de trabalho da Fundação Getúlio Vargas (FGV), acha que um crescimento econômico de 6% ao ano, como pretende o candidato da coligação União do Povo Muda Brasil, é uma previsão otimista demais, na atual situação da economia brasileira e no contexto de crise econômica mundial. "Não se pode querer fazer milagres, sob pena de depois sofrermos consequências como a volta desenfreada da inflação", afirma. Com ela concorda o economista Eduardo Fortuna, professor da Faculdade Cândido Mendes. Segundo ele, diante da conjuntura atual, fazer a economia crescer 6% ao ano seria causar uma inflação brutal por causa do alto custo do dinheiro. "E hoje não haveria nada pior para o povo brasileiro do que a volta da inflação", acredita. Fortuna avalia que o nível de desemprego que se verifica hoje é uma questão de ajuste, que será superado com um crescimento sustentado.